

## NOTAS SOBRE HISTÓRIA, FICÇÃO E REALIDADE EM *TARAS BULBA* DE NIKOLAI GOGOL

### NOTES ON HISTORY, FICTION, AND REALITY IN NIKOLAI GOGOL'S *TARAS BULBA*

**Ibiraci de Alencar CHAGAS<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente artigo se dedica a identificar elementos fundamentais da concepção literária sustentada pelo autor ucraniano Nikolai Gogol acerca das noções de História, Ficção e Realidade em sua obra *Taras Bulba*, publicada, em sua forma definitiva, no ano de 1842. O texto busca refletir, a princípio, acerca da relação teórica entre essas categorias, passando, a seguir, de modo sucinto, à contextualização do impacto da historiografia na cultura russa das primeiras décadas do século XIX – e, em particular, no pensamento de Gogol –, bem como de alguns elementos da sociedade cossaca e das causas da rebelião promovida por esse povo, em meados do século XVII, contra o reino da Polônia. No trabalho de análise propriamente dito atenta-se, brevemente, à matriz cronotópica propiciada pelas referências geográficas e históricas, ao emprego da estereotipia, à transição entre os planos objetivo e subjetivo da narrativa e, em especial, à importância decisiva da visão de mundo religiosa, originária das crenças alimentadas pela Igreja Ortodoxa.

**Palavras-chave:** Nikolai Gogol, *Taras Bulba*, história, ficção.

**Abstract:** This article is dedicated to identifying fundamental elements of the literary conception held by Ukrainian author Nikolai Gogol regarding the notions of History, Fiction, and Reality in his work *Taras Bulba*, published in its definitive form in the year 1842. The text aims to reflect, initially, on the theoretical relationship between these

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana. É mestre em Literatura e Diversidade Cultural e graduado em Licenciatura em História pela mesma instituição. É integrante do Grupo de Estudos de Linguagem, Argumentação e Discurso (ELAD/CNPq). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1378803767681315> E-mail: [ibiraci.chagas@enova.educacao.ba.gov.br](mailto:ibiraci.chagas@enova.educacao.ba.gov.br)

categories, then briefly contextualizing the impact of historiography on Russian culture in the early decades of the 19th century – particularly in the thought of Gogol – as well as some elements of Cossack society and the causes of the rebellion led by this people in the mid-17th century against the Kingdom of Poland. In the actual analysis, attention is briefly given to the chronotopic matrix provided by geographical and historical references, the use of stereotyping, the transition between the objective and subjective planes of the narrative, and, especially, the decisive importance of the religious worldview originating from beliefs fostered by the Orthodox Church.

**Keywords:** Nikolai Gogol, *Taras Bulba*, history; fiction.

O presente estudo tem a intenção de discutir, brevemente, a fronteira entre a realidade historiográfica e a experiência ficcional numa obra importante da produção do autor russo Nikolai Gogol, *Taras Bulba* – cuja primeira edição é de 1835, contando com uma segunda, reformulada e desenvolvida, no ano de 1842 –, um breve épico ucraniano que retrata, em cores fortemente homéricas, a epopeia dos cossacos em luta sangrenta pela sua sobrevivência coletiva contra o reino hostil da Polônia. Nikolai Gogol possui uma importância capital no desenvolvimento da literatura russa moderna. Contemporâneo do grande Alexander Pushkin, Gogol, com trabalhos como *O Nariz* (1835-6), *O Inspetor geral* (1836), *Almas mortas* (1842) e, em especial, o inigualável *O capote* (1842), influenciou os maiores criadores da literatura russa moderna, a exemplo de Dostoiévski e Tolstoi.

Nessa empresa, faremos uso da separação proporcionada pelo binômio clássico que posiciona a História e a Literatura enquanto regimes discursivos distintos, embora fronteiriços. A literatura, entendida enquanto discurso ficcional, subverte a dicotomia fundamental entre *verdade* e *mentira*, posicionando a ficção num espaço transcendente em relação a essa dualidade cognitiva e instaurando uma ordem de representações da experiência humana peculiar e – se bem que diretamente dependente da dimensão objetiva vivida pelo ser humano – inteiramente obediente às suas próprias leis e perspectivas. Logo, História e Literatura aparecem como uma diáde indissociável em se tratando de modalidades discursivas na qual a Realidade funcionaria como vetor, por intermédio do

qual a História, mediante a categoria da *verdade*, e a Literatura, mediante a categoria da *verossimilhança*, estruturam-se enquanto regiões discursivas autônomas, conquanto adjacentes.

No contexto específico dessa escrita gogoliana, possui enorme destaque a dimensão fortemente religiosa assumida pelo credo cossaco ortodoxo, perante a visão de mundo sustentada pela narrativa – assentada na concepção da Igreja Ortodoxa Oriental – uma vez que os inimigos dos cossacos (pagãos ou católicos) são inimigos, fundamentalmente, da sua Igreja. A guerra entre poloneses e cossacos, que serve de quadro mais amplo para o enredo, é, pois, em sua essência, um conflito assentado em bases religiosas. Ademais, Robert Maguire (1994, p. 276) identifica, nessa problemática, uma dimensão historiográfica, pois “isso sugere uma solução para o problema que Gogol não conseguiu resolver em seus artigos históricos: como tornar o passado presente. Fazer um juramento faz isso num sentido simbólico. A celebração da Divina Liturgia, para um cristão, faz isso literalmente.”<sup>2</sup> Em verdade, defendemos aqui, portanto, que o senso de *Realidade* desenvolvido em Taras Bulba se acha firmemente ancorado na – e, em larga medida, sustentado pela – dimensão religiosa da sua visão de mundo subjacente. É, de forma significativa, a partir da perspectiva religiosa que o universo literário e o universo historiográfico, assentados na visão ortodoxa da fé cristã contra a heresia católica, encontram-se e se harmonizam, dissolvendo as fronteiras apontadas acima entre Realidade e Ficção.

Acrescente-se, a esse ponto, a problemática do subjetivismo. Quanto mais centrado numa esfera da existência objetiva, estabelecida a partir de parâmetros espaciotemporais, nitidamente apreensíveis, mais o discurso literário tende a suscitar efeitos de sentido que gravitam em torno de um parâmetro realista da percepção, ancorando-se no princípio da verossimilitude. Quando se volta para o universo particular da alma humana, quando se concentra nos elementos e nas categorias essencialmente atreladas ao mundo interno do seu psiquismo, o discurso literário passa a depender de um fenômeno de ressonância

<sup>2</sup> Todas as traduções para o português são de responsabilidade do autor do artigo. No original em inglês: “this suggests a solution to the problem that Gogol could not resolve in his historical articles: how to make the past present. The swearing of an oath does that in a symbolic sense. The celebration of the Divine Liturgy, for a Christian, does it literally.”

anímica ou cognitiva entre aquilo que se verifica na subjetividade do seu enunciador e o que ocorre no íntimo do seu enunciatário. Os horizontes sócio-históricos e geográficos que definem o quadro geral realista da literatura constituem o grande ponto de intersecção formal entre História e Ficção, uma vez que ambas se valem dos mesmos elementos primários para situar as suas narrativas, funcionando como o parâmetro básico a partir do qual a verossimilhança do discurso literário se estabelece. A História fornece, pois, a *forma* desse princípio de *Realidade* que subsidia a criação ficcional. Essa dialética entre objetivismo e subjetivismo pode ser fortemente observada na obra em análise, mais do que em textos gogolianos em que predomina o segundo elemento – marcadamente correspondendo ao absurdo e ao fantástico – a exemplo de *O nariz*.

Dada a sua enorme significação contextual, deve-se abordar, brevemente, a importância da história no pensamento europeu de fins do século XVIII e início do século XIX. Nesse cenário, destaca-se a influente figura de Johann Gottfried Herder, cujas ideias sobre história, cultura, tradição e povo rapidamente adquiriram enorme importância junto ao ideário circulante na Europa e na Rússia. Como faz notar Edyta M. Bojanowska (2007, p. 90),

Herder via as histórias nacionais e a história universal numa relação dialética. Ele via as nações como os agentes adequados da história, uma vez que somente através delas a humanidade poderia desenvolver plenamente as suas faculdades. Herder rejeitou a tendência iluminista de ver as épocas anteriores como “bárbaras” e defendeu uma apreciação simpática de cada época e de cada nação. Sua grande consideração pela Idade Média contrariava especialmente a visão iluminista predominante.<sup>3</sup>

A historiografia germânica – sob a inequívoca diretriz do Romantismo – exerceu forte influência sobre a nascente historiografia russa, particularmente ao desenvolver princípios de construção do texto historiográfico dentro de parâmetros indiscutivelmente modernos. Nesse aspecto, destacam-se a tendência para um tratamento crítico e escrupuloso das fontes documentais utilizadas, filtrando-as de elementos míticos e subjetivistas, assim como a ênfase numa concepção de conjunto da sociedade abordada – a

---

<sup>3</sup> No original em inglês: “Herder saw national histories and universal history in a dialectic relation. He viewed nations as the proper agents of history, since only through them could humanity fully develop its faculties. Herder rejected the Enlightenment tendency to see preceding epochs as “barbaric” and argued for a sympathetic appreciation of each age and each nation. His high regard for the Middle Ages especially ran counter to the prevailing Enlightenment view.”

partir de seus elementos econômicos, geográficos e etnográficos, e não meramente políticos. Nessa perspectiva, lendas, contos, canções folclóricas e ditos populares eram vistos como evidências históricas legítimas, obviamente não-factuais, mas capazes de desvelar a mentalidade de cada povo. Temáticas etnográficas e narrativas históricas objetivamente constituídas, acabavam por se encontrar nesse horizonte cultural mais amplo, uma vez que as primeiras alimentavam, enquanto objeto de estudo, certas pretensões explicativas dessas últimas. Já que tais narrativas míticas se estruturavam dentro de parâmetros absolutamente não-racionais e a tendência do moderno discurso historiográfico era a de se organizar a partir do princípio predominante da objetividade, da verificabilidade e da isenção, criava-se, em simultâneo, um nítido ponto de divergência entre as narrativas imaginárias dos contos populares – enquanto manifestações da nacionalidade autêntica de um povo – e as expectativas que norteavam os escritos históricos de então. Eis, a ambiguidade predominante quanto à relação existente, à época, entre a narrativa histórica e a narrativa ficcional de natureza etnográfica. Ademais, nessa época ainda, nas primeiras décadas do século XIX, desenvolvia-se fortemente na Rússia o gênero do romance histórico, particularmente sob influência das obras de Walter Scott.

Gogol viveu intensamente esse dilema. Inclusive, manteve vínculos institucionais com a historiografia acadêmica durante a primeira metade da década de 1830, uma vez que, entre setembro de 1834 e dezembro de 1835, embarcou em uma breve carreira como professor adjunto na Universidade de São Petersburgo, onde ministrou cursos de história medieval e clássica. Um pouco antes, entre o final de 1833 e março de 1834, Gogol perseguiu, incansavelmente, uma cátedra de história universal na recém-criada Universidade de Kiev, para onde ansiava intensamente, então, mudar-se (BOJANOWSKA, 2007, p. 97). O fracasso dessa empresa o dissuadiu de retornar à Ucrânia.

Gogol buscou a posição em Kiev como uma sinecure que lhe permitiria se dedicar (...) ao trabalho etnográfico na Ucrânia (...). A ideia de uma transferência para Kiev surgiu na altura do profundo envolvimento de Gogol com a ucranidade na área dos interesses etnográficos, históricos e literários. (BOJANOWSKA, 2007, p. 98)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> No original em inglês: “Gogol sought the Kiev position as a sinecure that would allow him to devote himself (...) to ethnographic work in Ukraine (...). The idea of a transfer to Kiev came at the time of Gogol’s deep involvement with Ukrainianness in the area of ethnographic, historical, and literary interests.”

A propósito, a mesma autora observa que: “a história ucraniana era o interesse pessoal e mais apaixonadamente nutrido por Gogol”<sup>5</sup> (BOJANOWSKA, 2007, p. 100). Ela, inclusive, faz notar que, de acordo com o seu ponto de vista, é possível

ver os materiais de Gogol sobre história (...) como um continuum de discursos acadêmicos e artísticos com um grau ascendente do “artístico” neles. Embora as notas privadas de Gogol mostrem preocupação com datas, fatos e fontes, em suma, com um aparato técnico “acadêmico”, sua ênfase nelas diminui à medida que ele passa para outros modos discursivos, e sua preocupação com o florescimento retórico, com o impacto afetivo na audiência e com “grandes” ideias e imagens memoráveis aumenta. (BOJANOWSKA, 2007, p. 101)<sup>6</sup>.

Dentre os textos que parecem se posicionar no interstício entre a história e a ficção, destaca-se o escrito *Sobre a Idade Média*, publicado na obra *Arabescos*, de janeiro de 1835. Segundo Edyta Bojanowska (2007, p. 112), nesse trabalho fica explícito

na prática a máxima pedagógica de Gogol de assaltar os sentidos dos estudantes para dominar a sua imaginação. Exemplificando sua propensão para a história como uma série de convulsões cataclísmicas virando o mundo de cabeça para baixo, Gogol retrata a Idade Média como um “redemoinho tempestuoso” que puxa os eventos mundiais em seu giro e, tendo misturado e mudado sua natureza, libera-os, novamente, em novas ondas ordenadas. (...). A história nesse artigo é escrita mais por metáforas do que por dados factuais ou explicações causais<sup>7</sup>.

Possivelmente, o maior exemplo dessa abordagem está nas considerações feitas acerca dos cruzados e do real motivo que os levou em expedição à Terra Santa para dar combate aos muçulmanos. Na interpretação gogoliana, esse conflito não se tratou de uma

guerra por uma esposa raptada, não uma explosão de ódio entre duas nações hostis, não uma guerra sangrenta entre dois soberanos gananciosos por uma coroa ou um pedaço de terra, nem mesmo uma guerra pela liberdade e pela independência nacional. Não! Nem uma única paixão, nem um único desejo individual importa aqui; tudo estava

<sup>5</sup> No original em inglês: “Ukrainian history was Gogol’s private and most passionately held interest.”

<sup>6</sup> No original em inglês: “to view Gogol’s materials on history (...) as a continuum of scholarly and artistic discourses with an ascending degree of the ‘artistic’ in them. While Gogol’s private notes show concern with dates, facts, and sources, in short, a technical ‘scholarly’ apparatus, his emphasis on them lessens as he moves to the other discursive modes, and his concern with rhetorical flourish, with affective impact on the audience, and with ‘big’ ideas and memorable images increases.”

<sup>7</sup> No original em inglês: “in practice Gogol’s pedagogic dictum of assaulting the students’ senses in order to grip their imagination. Exemplifying his penchant for history as a series of cataclysmic upheavals turning the world upside down, Gogol depicts the Middle Ages as a ‘stormy whirlpool’ that pulls world events into its spin and, having mixed and changed their nature, releases them again in fresh orderly waves (...). History in this article is written more by metaphors than by factual data or causal explanation.”

impregnado de uma ideia: libertar o túmulo do divino Salvador! (GOGOL *apud* BOJANOWSKA, 2007, p. 113)<sup>8</sup>.

Ao lado da construção estilística fortemente apelativa e retórica emprestada ao período, pode-se notar a absoluta e quase pueril idealização no que concerne às causas da demanda cristã por Jerusalém. Motivando-a, inexistem quaisquer fatores econômicos ou políticos; tampouco, anseios subjetivos que possam ser pautados pelo egoísmo ou pela ambição pessoal. Tudo se passa no plano puro da idealização e da justificação moral e religiosa. Observa-se, nesse ponto, a influência determinante do elemento religioso enquanto o princípio articulador dominante da visão histórica sustentada pelo texto. Logicamente, fontes documentais de efetivo valor historiográfico não subsidiam essa leitura dos fatos; mas, o que importa é que seja construída uma leitura pessoal, engajada numa ideia específica, que venha a corresponder à visão histórica do autor dentro de uma interpretação maior do sentido dominante da Idade Média perante a História Universal, ou seja, como um turbilhão que transformou a velha ordem mundial, baseada na hegemonia do Império Romano, numa nova ordem baseada na hegemonia das modernas monarquias nacionais. É, pois, assim como acontece, de certo modo, em *Taras Bulba*, o elemento religioso – entre outros – que possibilita a sustentação de um discurso posicionado para além da verdade elementar dos registros historiográficos, mas que, igualmente, não se quer como mera ficção.

Ademais, especificamente em relação, ainda, a *Taras Bulba*, deve-se notar que

as passagens sobre a história ucraniana são apresentadas no estilo “elevado” dos artigos históricos, o que sinaliza que devem ser lidas como declarações autorizadas. E são informadas pela mesma visão da história que Gogol vinha desenvolvendo em outros lugares: os cossacos são representados como um personagem coletivo, funcionando como um agente histórico, embora eficaz apenas em virtude de um líder forte (*Taras Bulba*), que incorpora os seus valores de maneira focada, intencional e articulada. (MAGUIRE, 1994, p. 274)<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Na tradução para o inglês: “war for a kidnapped wife, not a flaring up of hatred between two hostile nations, not a bloody war between two greedy sovereigns over a crown or a plot of land, not even a war for freedom and national independence. No! Not a single passion, not a single individual desire matter here; all was suffused with one idea: to liberate the grave of the divine Savior!

<sup>9</sup> No original em inglês: “the passages on Ukrainian history are cast in the ‘high’ style of the historical articles, which signals that they are to be read as authoritative utterances. And they are informed by the same view of history that Gogol had been developing elsewhere: the Cossacks are represented as a collective character, functioning as an agency of history yet effective only by virtue of a strong leader (*Taras Bulba*),

Do ponto de vista estritamente ficcional, muito embora mestre da técnica narrativa própria da literatura realista ocidental, Gógol não esqueceu suas origens regionais: sua obra *Os serões numa granja perto de Dikanka* (1829) retratam de modo absolutamente poético a vida quotidiana do mundo agrário ucraniano, não deixando de incursionar em dimensões míticas e fantásticas que, por vezes, podem fazer lembrar, fortemente, as narrativas de um seu contemporâneo, Alexandre Herculano, contidas em *Lendas e Narrativas*. Em outras situações, encontram-se experiências narrativas únicas, que antecipam grandemente criações posteriores já pós-vanguardistas, a exemplo do surrealismo. Refiro-me ao seu conto já mencionado *O nariz*, no qual um nariz adquire vida e inteligência próprias e passa a perambular por São Petersburgo. Como não pretendemos aqui pintar um cenário geral da ficção gogolianiana, não nos demoraremos em analisar a produção desse extraordinário autor, mas passaremos já a tratar, mais diretamente, do tema que selecionamos para a análise. Inicialmente, será apresentado um quadro geral que permita a compreensão de quem eram, historicamente falando, os cossacos e, a seguir, uma síntese envolvendo os fatos históricos associados à grande rebelião cossaca tratada em *Taras Bulba*; por fim, serão problematizados, no corpo do próprio texto gogolianiano, alguns elementos que permitem situar a narrativa do autor ucraniano junto à fronteira entre história e literatura.

A palavra *cossaco* se origina da língua turca e significa “homem livre”, em oposição àquele que se encontra em estado de servidão. O primeiro governante russo a tentar impor alguma ordem estatal à região ocupada por esse povo – sempre muito marcada por instabilidades – foi Ivan IV, cognominado *o Terrível*, através de um acordo com os cossacos, para uma invasão à Criméia, em 1549 (FILJUSHKIN, 2008, p. 30). Lembremos de que a estepe ucraniana, no período em foco, estava cercada por estados bem estabelecidos, a exemplo da Polônia e do Império Otomano. A forma de organização então existente entre esse povo da estepe se baseava no que se poderia denominar de fraternidades militares sem vínculos formais precisos. As primeiras concentrações de cossacos são encontradas nas imediações de dois grandes rios, o Don e o Dnieper.

Etnicamente, suas origens remontam aos tártaros, possivelmente remanescentes da Horda Dourada (originalmente o setor noroeste do Império Mongol que, após 1259, se

---

who embodies their values in a focused, purposeful, and articulate way.”

tornou um canato funcionalmente autônomo), assim como também a eslavos. No período de Ivan IV, o elemento eslavo tornou-se dominante entre eles e a fé ortodoxa foi adotada por quase todos os cossacos. A princípio vivendo em habitações sob a forma de tendas, com o tempo e na medida em que as migrações diminuíam de frequência, desenvolveram um tipo de moradia construída de madeira, que eram agrupadas em vilas fortificadas. Do ponto de vista político, praticavam uma mistura peculiar de democracia primitiva com um autoritarismo sem medidas. Esse caráter heterogêneo surgia do próprio contexto em que viviam os cossacos, pois, num ambiente altamente vulnerável, a sobrevivência de cada membro dependia da firmeza dos vínculos sociais que os uniam. Como afirma Geoffrey Hosking (2011, p. 115-116),

eles eram intensamente orgulhosos do seu estatuto de “homens livres” e estavam preparados para defender ao máximo a sua *volia* (liberdade). Ao mesmo tempo, na preparação e condução de campanhas militares, obedeciam implicitamente aos seus líderes e a indisciplina era duramente punida, por vezes, até com a pena de morte<sup>10</sup>.

Com o tempo, as instituições cossacas tornaram-se mais elaboradas, muito embora a unidade básica tenha permanecido o que fora durante tanto tempo na estepe o *krug*, ou círculo, que era a instituição que reunia todos os membros de uma unidade militar. Eles escolhiam seus líderes (*hetman* para os cossacos do Dnieper; *ataman* para os do Don) e tomavam decisões sobre os assuntos mais importantes, sempre que possível por consenso antes que por votação. Até os fins do século XVII, os cossacos desprezavam a agricultura como indigna de homens livres e, de qualquer modo, inútil em um ambiente tão vulnerável. Assim, eram naturalmente levados a tomar pela força os itens agrícolas de que necessitavam ou a comprá-los. No primeiro caso, os cossacos utilizavam embarcações pequenas, porém ligeiras e extremamente manobráveis, para atacar alvos no Mar Cáspio ou, mesmo, em áreas circum-adjacentes.

O *modus vivendi* cossaco era, intrinsecamente, vulnerável e economicamente precário. Desse modo, era natural que se voltassem para o mundo externo à estepe para complementar suas necessidades. Inclusive, os cossacos de Dnieper tinham um acordo com

<sup>10</sup> No original em inglês: “they were intensely proud of their status as ‘free men’ and were prepared to defend their *volia* (liberty) to the utmost. At the same time, in preparing and conducting military campaigns, they obeyed their leaders implicitly, and indiscipline was harshly punished, sometimes even with the death penalty.”

o rei da Polônia, segundo o qual eles serviam como tropas de fronteira em troca de pagamento, parcialmente em dinheiro, parcialmente em produtos. Do mesmo modo, Ivan IV firmou um acordo similar com os cossacos do Don, a fim de utilizá-los em suas campanhas contra Kazan e Astrakhan. Esse acordo se tornou mais formal em 1570, quando foi expedido um documento segundo o qual os cossacos serviriam como tropas de defesa das fronteiras russas, repelindo possíveis invasores e, em retribuição, confirmando seus direitos quanto às terras nas imediações do baixo Don. No início do século XVII, o governo russo aumentou sua parcela no acordo com os cossacos, passando a abastecê-los com grãos, armas de fogo e munição. Isso foi o início de um longo processo por meio do qual os cossacos perderam suas instituições de autogoverno e se integraram no exército imperial russo e no sistema administrativo geral daquele estado.

Passemos, agora, a examinar as circunstâncias históricas envolvendo a rebelião dos cossacos da Ucrânia, retratada por Gógol em *Taras Bulba*. Por volta de 1640, os cossacos do Dnieper estavam se tornando extremamente descontentes, tanto por julgarem não serem recompensados adequadamente pelo rei da Polônia quanto por não receberem desse um pleno reconhecimento do seu estatuto de nobreza. Porém, a revolta atingiu proporções alarmantes quando o rei da Polônia decidiu substituir o *hetman* escolhido pelo círculo Zaporogue<sup>11</sup> por um nobre polonês designado pelo próprio rei. O ápice do descontentamento, todavia, somente foi alcançado quando, em 1646, o rei Wladyslaw voltou atrás de um acordo firmado com os cossacos, segundo o qual lhes seria fornecida uma carta de nobreza em troca de sua participação em uma campanha militar contra o Império Otomano. Tal cenário de descontentamento encontrou o pavio que detonou a rebelião quando Bogdan Khmelnitskii, cossaco proprietário de terras nas imediações de Chigirin, entrou em disputa com um nobre polonês chamado Daniel Czapinski. Muito embora tenha apelado diretamente para o rei da Polônia, suas reivindicações não foram ouvidas. Percebendo que, em sintonia com as suas aspirações, pairava uma atmosfera geral

<sup>11</sup> Tratavam-se dos cossacos que viviam a jusante das corredeiras do Dnieper. O grupo cresceu rapidamente ao longo do século XV a partir de servos que fugiam das partes mais severamente dominadas pela União Polaco-Lituana. Essa comunidade cossaca se tornou uma entidade política respeitada, com um sistema parlamentar próprio de governo. Ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, os cossacos zaporogues foram uma força política e militar robusta que desafiou a autoridade da União Polaco-Lituana, do Czarado da Rússia e do Canato da Crimeia.

de insatisfação entre os cossacos, Khmelnitskii se deslocou para o círculo Zaporogue e persuadiu seus membros de que o momento para uma rebelião em larga escala havia chegado. Concluindo uma aliança com os tártaros da Crimeia, a qual lhes trouxe quatro mil cavaleiros bem equipados, os cossacos marcharam para o norte, derrotando um exército polonês e atraindo novos integrantes para a empresa. Estamos no ano de 1648.

A fúria dos guerreiros cossacos se estendia tanto a senhores de terras quanto a sacerdotes católicos. Mesmo a comunidade judaica não escapou à avassaladora avalanche cossaca que destruía tudo à sua volta. Algo em torno de duas dezenas de milhares de judeus foram mortos nas razias (STAMPFER, 2003, p. 221). A revolta alcançou tal magnitude que fez com que muitos camponeses escapassesem ao regime de servidão, o que desagradou Khmelnitskii. Buscando punir tais excessos, o líder cossaco passou a perseguir os antigos servos, levando muitos a fugirem para o sul em busca de proteção. Quaisquer que fossem seus motivos, Khmelnitskii não explorou adequadamente o *momentum* de sua rebelião. Se feito, ele poderia ter marchado sobre a própria capital polonesa, Varsóvia. Logo após efetuar alguns acordos com o rei da Polônia, o líder cossaco sofreu alguns revéses militares. Isso o levou a julgar que o empreendimento de impor à Ucrânia um governo cossaco seria obra irrealizável. Assim, Khmelnitskii preferiu apelar ao czar de Moscou para vir em sua ajuda e tomar sob seu controle os territórios ucranianos. Isso feito, “os cossacos prometeram ao czar ‘lealdade eterna’, enquanto ele lhes prometia fornecimentos e os confirmava nos seus privilégios, incluindo o direito de eleger o seu próprio hetman e de receber enviados estrangeiros não hostis a ele.”<sup>12</sup> (HOSKING, 2011, p. 164). Pela primeira vez, os ucranianos tinham tido seu próprio estado reconhecido perante uma legislação de caráter internacional. Tal estado assumiu o nome de Hetmanato. Todavia, estabelecer, em verdade, sua independência enquanto nação era coisa muito mais difícil, afinal os cossacos eram um estrato social, não uma nação em sentido estrito e sua conexão com o campesinato ucraniano era frágil, para não dizer hostil. Ao longo dos séculos seguintes, os czares gradualmente suprimiram os privilégios e isenções dos

---

<sup>12</sup> No original em inglês: “the Cossacks pledged the tsar ‘eternal loyalty’, while he promised them supplies and confirmed them in their privileges, including the right to elect their own hetman and to receive foreign envoys not hostile to him.”

cossacos, levando o estado do Hetmanato a, periodicamente, flertar com a possibilidade de retornar à esfera do estado polonês.

Passemos, agora, a examinar o texto de Gogol a fim de identificar passagens que possibilitem situar a narrativa nas fronteiras entre a história e a literatura. Um dos primeiros e mais óbvios pontos na obra *Taras Bulba* se refere à natureza onisciente do narrador. Gogol apresenta circunstâncias que dizem respeito ao caráter interior das personagens envolvidas, prendendo-se, para tanto, apenas ao princípio da verossimilitude, ou seja, à noção de credibilidade e coerência narrativa envolvendo o fato subjetivo apresentado, inserido num contexto objetivo específico. Assim, muitas vezes, o leitor tem acesso a pensamentos, impressões e emoções experimentadas pelo velho Bulba que deveriam estar presentes na alma de um velho guerreiro ucraniano do século XVI ou XVII. Para um homem como Bulba, afeito, desde a juventude, às agruras incomparáveis dos campos de batalha, ao derramamento de sangue, aos limites últimos do corpo e aos extremos dos sofrimentos e das alegrias, dos júbilos, das celebrações e dos pesares, seu sentir é franco, autêntico, sem sofisticações e sem meios-termos. Assim, Taras Bulba é um cossaco dentro do que se pretende convincentemente aceitável em se tratando de um guerreiro do século XVII.

Note-se que, aqui, temos um ponto fundamental nessa relação complexa entre história e literatura: é o contexto histórico, ressaltamos, que proporciona o quadro geral de referências no qual o texto ficcional deve necessariamente se enquadrar. O conhecimento histórico constrói os parâmetros gerais que servem de matriz para a narrativa, estabelecendo horizontes mais ou menos rígidos no qual o texto literário deve se inserir. Assim, a quebra desse princípio resultaria na criação de uma séria resistência por parte do leitor que, ansioso pela experiência estética ou patêmica, não quer se sentir atraído por um autor que não domina minimamente o contexto histórico em que faz os seus personagens atuarem. Ora, uma vez respeitado tal princípio, encontra-se livre o autor para obedecer às regras discursivas que devem balancear harmonicamente o jogo entre forma e conteúdo dentro do texto ficcional. Ao lado de tais regras (sempre dependentes da própria visão de mundo ditada pelas circunstâncias históricas em vigor) vem a dimensão existencial da narrativa, responsável pela amplitude e, talvez, pela própria natureza perene

da obra-prima (algo como o sofrimento de Aquiles diante da morte de seu amigo Pátroclo – apenas para citar um exemplo – conforme retratado na *Iliada*, apontar para a própria noção atemporal da perda: um tema capital nas reflexões sobre os limites últimos da própria condição humana).

No processo de construção do discurso histórico, a relação causal entre os fatores responsáveis por um certo evento e a configuração específica que esse mesmo evento acaba por assumir, possuem importância capital. A descrição de um fato histórico se estabelece a partir da associação necessária com o contexto em que tal fato se apresenta, mostrando como uma situação se formou e, evoluindo, acabou por provocar um determinado acontecimento ou circunstância. Nesse jogo de forças, a dimensão subjetiva acaba por ser pouco levada em consideração, salvo em se tratando do “contexto cultural”. Assim, a partir da mentalidade reinante em determinado contexto, tem-se a justificativa para certos comportamentos. Escapa quase inteiramente, não obstante, por limitações intrínsecas às fontes – e evidentes em si mesmas, em se tratando do *modus operandi* historiográfico –, o encadeamento entre os movimentos do espírito de um indivíduo e a condução dos seus atos. Mesmo quando o historiador tem à sua disposição uma fonte carregada de elementos da subjetividade de um certo indivíduo, a exemplo do que, por vezes, se pode achar num diário, se fidedigno, raro é encontrar a plena reconstrução discursiva de uma vivência subjetiva integral e estruturada, como se pode encontrar tão frequentemente nas narrativas literárias modernas. Para o texto ficcional, uma vez estabelecidos os parâmetros gerais que devem enquadrar o fluxo de vivências subjetivas a partir do princípio da verossimilitude mencionado anteriormente, o autor fica livre para montar, de modo completo e acabado, o percurso interior que a consciência de um personagem atravessa a fim de chegar a uma determinada experiência apresentada no texto ou a ela conferir um significado particular. Note-se, não obstante, que a vivência subjetiva depende da faculdade intrínseca ao autor de perscrutar as paisagens interiores dos personagens e torná-las acessíveis ao leitor por intermédio da narrativa ficcional. Pela própria natureza da dinâmica da consciência, normalmente, o próprio personagem não chega a descortinar seu mundo interior de modo coerente e encadeado, dependendo da natureza transcendental e onisciente do narrador para tanto.

Um dos momentos do texto em que história e ficção se entrecruzam para elevar a narrativa a alturas inusitadas está na passagem em que a esposa de Bulba, após o retorno de seus dois filhos, vindos do seminário de Kiev, vê-se obrigada a deles se separar, ignorando o destino que podem vir a ter quando mergulharem no modo de vida cossaco. Apoando a narrativa no contexto histórico correspondente, Gogol vai além, fazendo uso de que a liberdade ficcional lhe possibilita, para ilustrar a terrível condição feminina de uma mulher cossaca no período descrito. Após os homens adormecerem,

a mãe apenas não dormia. Ela se inclinou sobre o travesseiro de seus amados filhos, deitados lado a lado; ela alisou com um pente seus cachos descuidadamente emaranhados e umedeceu-os com suas lágrimas. Ela olhou para eles com toda a alma, com todos os sentidos; estava totalmente imersa no olhar, mas ainda assim não conseguia olhar o suficiente. Ela os alimentou em seu próprio peito, cuidou deles e os criou; e agora, para vê-los apenas por um instante! “Meus filhos, meus queridos filhos! O que será de vós! Que destino vos espera?” Ela disse, e lágrimas surgiram nas rugas que desfiguravam seu outrora belo rosto. Na verdade, ela era digna de pena, assim como todas as mulheres daquela época. Ela vivera apenas por um momento de amor, apenas durante o primeiro ardor da paixão, apenas durante o primeiro ímpeto da juventude; e então o seu cruel traidor abandonou-a pela espada, pelos seus camaradas e pelas suas farras. Ela via o marido dois ou três dias por ano e depois, durante vários anos, não ouvia nada dele. E quando ela o via, quando eles moravam juntos, que vida ela teve! Suportava insultos, até mesmo golpes; sentia carícias concedidas apenas por pena; era um objeto perdido naquela comunidade de guerreiros solteiros, sobre a qual o errante Zaporogue lançava um colorido próprio. Sua juventude sem prazer passou rapidamente; sua face madura e colo murcharam sem serem beijados e ficaram cobertos de rugas prematuras. O amor, o sentimento, tudo o que há de terno e apaixonado numa mulher, foi nela convertido em amor maternal. Ela pairava em torno dos filhos com ansiedade, paixão, lágrimas, como a gaivota das estepes. Eles estavam tirando dela seus filhos, seus queridos filhos – tirando-os dela, para que ela nunca mais os visse! Quem sabia? Talvez um tártaro lhes cortasse as cabeças logo na primeira escaramuça, e nunca saberia onde estariam os seus corpos abandonados, dilacerados por aves de rapina; e ainda assim, para cada gota de sangue deles, ela teria dado todo o seu (GOGOL, 1886, pág. 23-24)<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Na tradução para o inglês: “the mother alone did not sleep. She bent over the pillow of her beloved sons, as they lay side by side; she smoothed with a comb their carelessly tangled locks, and moistened them with her tears. She gazed at them with her whole soul, with every sense; she was wholly merged in the gaze, and yet she could not gaze enough. She had fed them at her own breast, she had tended them and brought them up; and now to see them only for an instant! ‘My sons, my darling sons! what will become of you! what fate awaits you?’ she said, and tears stood in the wrinkles which disfigured her once beautiful face. In truth, she was to be pitied, as was every woman of that period. She had lived only for a moment of love, only during the first ardour of passion, only during the first flush of youth; and then her grim betrayer had deserted her

As impiedosas condições concretas que um mundo dominado pela força bruta impunha à situação da mulher, convertem-se no adequado pretexto para fazer precipitar certos conteúdos subjetivos que, uma vez manipulados pela sensibilidade artística do autor, possibilitam moldar a dimensão estética/existencial que configura a obra de arte literária. A alma da mulher cossaca é devassada por Gogol e seus pormenores expostos ao leitor. Note-se como se entrecruzam informações originárias do conhecimento possuído pelo autor acerca do contexto histórico do qual seus personagens viviam, juntamente com detalhes e nuances apreensíveis, unicamente, pela vivência subjetiva de um indivíduo inserido em tal condição existencial.

Um outro aspecto importante no desenvolvimento do texto ficcional diz respeito à utilização de formas estruturadoras da narrativa – *topoi* – que criam “caminhos”, que impõem fórmulas *a priori*, capazes de articular o encaminhamento do enredo numa direção particular. Certamente, tais fórmulas podem também aparecer no discurso histórico. Todavia, dadas as limitações mais ou menos rigorosas, impostas pelas fontes documentais e pela necessária sintonia com o real, sua utilização será sempre limitada. Obviamente, essas estratégias narrativas apresentam riscos. É fácil perder-se nos pântanos dos estereótipos, o que tende a empobrecer a narrativa. Em *Taras Bulba*, pode-se perceber uma situação dessa natureza quando a figura do judeu é apresentada. Pode-se afirmar que o texto ficcional se vale de um estereótipo a fim de firmar uma relação fundamental para a construção do enredo e pôr em perspectiva a imagem do guerreiro cossaco. Em três momentos do texto, a figura do judeu aparece de modo significativo. Primeiramente, quando a fúria do cossaco se volta contra o elemento judaico, tolerado nas imediações da

---

for the sword, for his comrades and his carouses. She saw her husband two or three days in a year, and then, for several years, heard nothing of him. And when she did see him, when they did live together, what a life was hers! She endured insult, even blows; she felt caresses bestowed only in pity; she was a misplaced object in that community of unmarried warriors, upon which wandering Zaporozhe cast a colouring of its own. Her pleasureless youth flitted by; her ripe cheeks and bosom withered away unkissed and became covered with premature wrinkles. Love, feeling, everything that is tender and passionate in a woman, was converted in her into maternal love. She hovered around her children with anxiety, passion, tears, like the gull of the steppes. They were taking her sons, her darling sons, from her – taking them from her, so that she should never see them again! Who knew? Perhaps a Tatar would cut off their heads in the very first skirmish, and she would never know where their deserted bodies might lie, torn by birds of prey; and yet for each single drop of their blood she would have given all hers.”

*sich*<sup>14</sup>, não obstante as tensões étnicas/religiosas, pelo seu papel de mercador, sempre útil num meio em que o modo de vida aristocrático torna indigno o comércio e a concomitante perseguição do lucro. A seguir, quando o judeu Yankel revela a Bulba a traição de seu filho mais novo; e, por fim, quando esse vai à capital polonesa em busca de seu primogênito, capturado durante a guerra. Os judeus são retratados – para recorrer a uma imagem – como hienas que vivem em volta de leões. Temos, assim, a fórmula arquetípica do guerreiro, que se destaca pela força, pela coragem e pela ausência de refinamentos intelectuais, ao lado do negociante covarde que se faz notar pela esperteza, pela ambição e pela fragilidade física. Quanto a essa última característica, os judeus são descritos como fragilíssimos (“o judeu, aterrorizado, partiu instantaneamente, a toda velocidade de suas pernas finas e encolhidas.” (GOGOL, 2013, p. 165) / “assemelhando-se, em seus sapatos e meias, deveras, a um frango” (GOGOL, 2013, p. 263)<sup>15</sup>), ambiciosos a ponto de não encontrarem limites para os seus anseios oportunistas de ganhar dinheiro e potencializar os lucros, e dotados de uma absoluta ausência de coragem, o que os leva a recorrer frequentemente à bajulação e até à mentira para obterem vantagens e se manterem em segurança. Eis uma ilustração dessa conduta: quando estão na prisão polonesa para visitar o filho de Bulba, Yankel, o judeu, não poupa elogios aos guardas para obter permissão de entrada:

o judeu se encolheu e se aproximou dele quase de lado: “Sua excelência! Altíssimo e ilustre senhor!” – Você está falando comigo, judeu? – Para ti, ilustre senhor. “Hum, mas sou apenas um *heyduke*<sup>16</sup>”, disse o homem de olhos alegres e bigode de três camadas. “Eu pensei que fosse o próprio *waiwode*<sup>17</sup>, por Deus! Ai ai ai!”. Então o judeu virou a cabeça e estendeu os dedos. “Ai, que bela figura! Mais um dedo e ele seria coronel. O senhor sem dúvida monta um cavalo tão veloz quanto o vento e comanda

<sup>14</sup> *Sich* (em ucraniano: січ) corresponde a um tipo de assentamento militar e administrativo mantido pelas comunidades cossacas na Ucrânia. Durante o período cossaco na história desse país, as *sichs* eram centros importantes para a organização política, militar e social dessas comunidades. Elas desempenhavam um papel fundamental na defesa contra invasões de povos hostis, servindo de base para as operações militares cossacas.

<sup>15</sup> Na tradução para o inglês: “the terrified Jew set off instantly, at the full speed of his thin, shrunken legs” / “looking, in his shoes and stockings, very like a chicken.”

<sup>16</sup> *Heyduke* é uma grafia alternativa da palavra *hajduk*. *Hajduk* é um substantivo que se refere a um tipo de soldado mercenário na Hungria e em outras regiões eslavas por volta do século XVI.

<sup>17</sup> *Waiwode* é uma forma arcaica da palavra *voivode*. *Voivode* é um título usado desde o início da Idade Média para se referir a um líder militar ou senhor da guerra na Europa central ou oriental. *Waiwode* também pode significar um comandante militar em alguns países eslavos e um governador de uma província no Império Otomano.

tropas.” O heyduke girou a parte inferior do bigode e seus olhos brilharam. “Que povo guerreiro!” continuou o judeu. “Ah, ai de mim, que bela raça!” (GOGOL, 2013, p. 267-268)<sup>18</sup>.

Em sintonia com a debilidade física, acrescente-se, ainda, a tal estereótipo, a noção do judeu fraco e covarde, ou seja, a debilidade de espírito: “os pobres filhos de Israel, perdendo toda a presença de espírito, e não sendo de modo algum corajosos, esconderam-se em tonéis de conhaque vazios, em fornos, e até rastejaram sob as saias de suas judias; mas os cossacos os encontraram, onde quer que estivessem”<sup>19</sup> (GOGOL, 2013, p. 88-89).

Da mesma maneira, Gogol desenvolve, fortemente, o estereótipo tradicional do judeu como *homo economicus*. O judeu Yankel é definido, de forma intrínseca, pela sua paixão pelo dinheiro, tão inequivocamente quanto o cossaco é definido pela sua paixão pela luta. Mesmo enquanto ora, o dinheiro não está longe da mente de Yankel. Quando ele avista Bulba, imediatamente vê a recompensa oferecida pelos poloneses pela cabeça do velho líder cossaco, apesar do fato desse ter salvado a sua vida recentemente. Yankel tenta reprimir esse pensamento vergonhoso, mas é impossível fazê-lo porque, na narrativa gogoliana, isso não é apenas parte da sua natureza, é parte da natureza de toda a raça judaica (ROSENSHIELD, 2008, p. 38). Eis como o anseio nefasto por riquezas, da parte do judeu, e os efeitos que gera junto aos nobres próximos a quem ele se instala, são descritos por Gogol (2013, p. 247-8):

ele gradualmente colocou em suas mãos quase todos os nobres e cavalheiros daquela região, sugou lentamente a maior parte de seu dinheiro e imprimiu fortemente sua presença naquela localidade. Numa distância de três milhas em todas as direções, nem uma única fazenda permaneceu em bom estado. (...) E se Yankel tivesse vivido lá por dez anos, provavelmente teria despovoado todos os domínios do Waiwode. (...) ele estava envergonhado por sua própria avareza e tentou sufocar

---

<sup>18</sup> Na tradução para o inglês: “the Jew shrank into nothing and approached him almost sideways: ‘Your high excellency! High and illustrious lord!’ ‘Are you speaking to me, Jew?’ ‘To you, illustrious lord.’ ‘Hm, but I am merely a heyduke,’ said the merry-eyed man with the triple-tiered moustache. ‘And I thought it was the Waiwode himself, by heavens! Ai, ai, ai!’ Thereupon the Jew twisted his head about and spread out his fingers. ‘Ai, what a fine figure! Another finger’s-breadth and he would be a colonel. The lord no doubt rides a horse as fleet as the wind and commands the troops!’ The heyduke twirled the lower tier of his moustache, and his eyes beamed. ‘What a warlike people!’ continued the Jew. ‘Ah, woe is me, what a fine race!’”.

<sup>19</sup> Na tradução para o inglês: “the poor sons of Israel, losing all presence of mind, and not being in any case courageous, hid themselves in empty brandy-casks, in ovens, and even crawled under the skirts of their Jewesses; but the Cossacks found them wherever they were.”

dentro dele o pensamento eterno do ouro, que se enrosca, como uma cobra, na alma de um judeu<sup>20</sup>.

De acordo com Gary Rosenshield (2008, p. 40):

como Taras deixa claro, qualquer desvio do ideal marcial para o ideal material é uma traição à irmandade cossaca e, por implicação, uma espécie de judaização. A medida em que um cossaco atinge o ideal russo é determinada não apenas pela sua adesão à ética marcial, mas também pela sua rejeição da ética judaica: lucro, amor ao ganho material<sup>21</sup>.

A utilização do estereótipo põe em sintonia concepções e expectativas comumente atribuídas à realidade objetiva, historicamente constituída, com a estruturação narrativa da obra ficcional. É, portanto, mais um fator de persuasão e convencimento agindo a partir do substrato realista inerente ao texto e sendo capaz de gerar um efeito de sentido de procedência e verossimilitude por apoiar-se em algo percebido como natural e evidente em dado contexto social.

Quanto à dimensão histórica de *Taras Bulba*, pode-se chegar a percebê-la nas frequentes digressões que o autor realiza com o objetivo de situar os cossacos no seu contexto cronotópico. As descrições da estepe russa – elemento constituinte da própria natureza cossaca – alcançam o virtuosismo literário e poético:

quanto mais penetravam na estepe, mais bonita ela se tornava. Naquela época, todo o Sul, toda aquela região que hoje constitui a Nova Rússia, mesmo até o Mar Negro, era um deserto verde e virgem. Nenhum arado jamais havia passado por cima das imensuráveis ondas de crescimento selvagem; sozinhos, cavalos, escondidos nela como numa floresta, pisoteavam-na. Nada na natureza poderia ser melhor. Toda a superfície lembrava um oceano verde-dourado, sobre o qual estavam espalhadas milhões de flores diferentes. Através dos caules altos e delgados da grama espiavam cardos-estrelas azuis-claros, azuis-escuros e lilases; a vassoura amarela erguia sua cabeça piramidal; a flor branca do falso linho, em forma de guarda-sol, brilhava no alto. Uma espiga de trigo, trazida sabe Deus de onde, estava amadurecendo. Entre as raízes dessa vegetação

<sup>20</sup> Na tradução para o inglês: “he had gradually got nearly all the neighbouring noblemen and gentlemen into his hands, had slowly sucked away most of their money, and had strongly impressed his presence on that locality. For a distance of three miles in all directions, not a single farm remained in a proper state. (...) and if Yankel had lived there ten years, he would probably have depopulated the Waiwode’s whole domains. (...) he was ashamed of his avarice, and tried to stifle within him the eternal thought of gold, which twines, like a snake, about the soul of a Jew.”

<sup>21</sup> No original em inglês: “as Taras makes clear, any turn away from the martial ideal to the material one is a betrayal of the Cossack brotherhood and by implication a kind of Judaization. The extent to which a Cossack reaches the Russian ideal is determined not only by his adherence to the martial ethic but also by his rejection of the Jewish ethic: profit, love of material gain.”

luxuriante corriam perdizes de pescoço estendido. O ar estava repleto de notas de mil pássaros diferentes. No alto pairavam os falcões, com as asas abertas e os olhos fixos na grama. Os gritos de um bando de patos selvagens, subindo de um lado, ecoavam sabe-se lá em que lago distante. Da grama surgiu, com movimento medido, uma gaivota e deslizou desenfreadamente através das ondas azuis do ar. E agora ela desapareceu no alto e aparece apenas como um ponto preto: agora ela virou as asas e brilha à luz do sol. Oh, estepe, como és linda! (GOGOL, 2013, p. 44-45)<sup>22</sup>.

Já o contexto histórico, propriamente dito é, por exemplo, assim estabelecido:

foi, na verdade, uma demonstração notável da força russa, forçada, por extrema necessidade, a brotar do seio do povo. No lugar das províncias originais, com suas pequenas cidades, no lugar dos pequenos príncipes guerreiros e negociadores que governavam suas cidades, surgiram grandes colônias, *kuren*<sup>23</sup> e distritos, unidos por um perigo comum e pelo ódio contra os ladrões pagãos. É bem conhecida a história de como a sua guerra incessante e a sua existência inquieta salvaram a Europa das hordas impiedosas que ameaçavam subjugá-la. Os reis polacos, que agora se encontravam soberanos, em lugar dos príncipes provinciais, sobre essas largas extensões de território, compreenderam perfeitamente, apesar da fragilidade e do distanciamento do seu próprio governo, o valor dos cossacos, e as vantagens da vida belicosa e desimpedida levada por eles. Eles encorajavam e lisonjeavam essa disposição mental. Sob o seu domínio distante, os hetmans ou chefes, escolhidos entre os próprios cossacos, redistribuíram o território em distritos militares (GOGOL, 2013, p. 17-18)<sup>24</sup>.

<sup>22</sup> Na tradução para o inglês: “the farther they penetrated the steppe, the more beautiful it became. Then all the South, all that region which now constitutes New Russia, even as far as the Black Sea, was a green, virgin wilderness. No plough had ever passed over the immeasurable waves of wild growth; horses alone, hidden in it as in a forest, trod it down. Nothing in nature could be finer. The whole surface resembled a golden-green ocean, upon which were sprinkled millions of different flowers. Through the tall, slender stems of the grass peeped light-blue, dark-blue, and lilac star-thistles; the yellow broom thrust up its pyramidal head; the parasol-shaped white flower of the false flax shimmered on high. A wheat-ear, brought God knows whence, was filling out to ripening. Amongst the roots of this luxuriant vegetation ran partridges with outstretched necks. The air was filled with the notes of a thousand different birds. On high hovered the hawks, their wings outspread, and their eyes fixed intently on the grass. The cries of a flock of wild ducks, ascending from one side, were echoed from God knows what distant lake. From the grass arose, with measured sweep, a gull, and skimmed wantonly through blue waves of air. And now she has vanished on high, and appears only as a black dot: now she has turned her wings, and shines in the sunlight. Oh, steppes, how beautiful you are!”

<sup>23</sup> Particularmente na região do rio Don, os cossacos eram organizados em grupos chamados *kurens*. Cada *kuren* consistia, geralmente, de várias centenas de cossacos e tinha sua própria liderança e estrutura interna. Essas unidades, muitas vezes, surgiam em resposta a necessidades específicas, como ameaças externas, e eram caracterizadas por uma organização de cunho cooperativo e coletivista.

<sup>24</sup> Na tradução para o inglês: “it was, in fact, a most remarkable exhibition of Russian strength, forced by dire necessity from the bosom of the people. In place of the original provinces with their petty towns, in place of the warring and bartering petty princes ruling in their cities, there arose great colonies, *kurens*, and districts, bound together by one common danger and hatred against the heathen robbers. The story is well known how their incessant warfare and restless existence saved Europe from the merciless hordes which threatened to

O recurso a essas duas categorias auxilia o autor no processo de ancorar a narrativa em adequadas matrizes interpretativas que formalizam o quadro mais amplo no qual o texto literário é inserido. Como observamos anteriormente, esse quadro espaço-temporal é um fator decisivo na produção do efeito de sentido de veracidade da narrativa. A contínua remissão a tal quadro posiciona o leitor num contexto – embora imaginário – passível de figuração a partir de elementos empiricamente estabelecidos, proporcionando uma imersão mais profunda no desenvolvimento do enredo, estimulando os sentidos e a imaginação a partir de dados da memória e intensificando conexões da sensibilidade com a narrativa. O quadro histórico se revela essencial no processo de criação de um senso de coesão, continuidade e ordenamento lógico, propiciando o efetivo coeficiente persuasivo da narrativa sobre a percepção do leitor. A síntese entre tempo e espaço, ao longo do desenvolvimento do enredo, propicia a organicidade adequada de modo a refletir a interconexão fundamental entre ambas as dimensões essenciais, constitutivas da existência humana. Temos, portanto, um efeito cronotópico constituinte que molda o enredo literário, criando o sentido de uma condição ficcional verossímil. No universo de um texto de cunho histórico como *Taras Bulba*, a configuração espaço-temporal deixa de ser um mero plano de fundo ou cenário e se converte num elemento estruturante da narrativa, determinando, em última instância, a natureza e o desenvolvimento dos seres humanos. Cada elemento individual, em sua natureza própria, encontra-se, pois, integrado a essa dimensão espaço-temporal e dela extrai as suas características necessárias e fundamentais. Nessa perspectiva, a genialidade de Gogol está, justamente, em sua capacidade de transitar, a partir dessa dimensão cronotópica, de maneira dialética, entre o plano elementar dos eventos cotidianos e os acontecimentos intensos e substancialmente transformadores do universo narrativo.

Contudo, para além da dimensão formal historiográfica e do emprego de estereótipos, os planos da história e da ficção se encontram, conforme observamos

---

overwhelm her. The Polish kings, who now found themselves sovereigns, in place of the provincial princes, over these extensive tracts of territory, fully understood, despite the weakness and remoteness of their own rule, the value of the Cossacks, and the advantages of the warlike, untrammelled life led by them. They encouraged them and flattered this disposition of mind. Under their distant rule, the hetmans or chiefs, chosen from among the Cossacks themselves, redistributed the territory into military districts.”

anteriormente, de maneira significativa, a partir da dimensão religiosa. Os fundamentos da visão de mundo cristã – calcada numa perspectiva intrinsecamente histórica e escatológica da condição humana – subsidiam a dissolução das fronteiras que compartmentalizam a dimensão histórica, de um lado, e a dimensão ficcional de outra. Na perspectiva da fé cristã, uma vivência espiritual (subjetiva), que seria classificada pelo descrente enquanto *imaginária*, converte-se numa realidade absoluta, muito embora, obviamente, vetada ao escrutínio empírico. Tal dimensão enquadra a experiência material/histórica, pondo-a em perspectiva e estabelecendo os parâmetros a partir dos quais o mundo secular deve ser, em última instância, compreendido. Nessa perspectiva, a transitoriedade e a condição efêmera do mundo material é que o tornam, de fato, ilusório, uma vez comparado com a *Realidade espiritual*, eterna e imutável que lhe subjaz. Um desses momentos mais explícitos se encontra numa breve passagem que descreve a reação da alma de um guerreiro cossaco – Borodaty, ataman dos cossacos da unidade de Oumansky – ao se ver, repentinamente, privada do corpo, decapitado durante a refrega com as tropas polonesas. Eis o trecho: “a cabeça rolou e o corpo caiu sem cabeça, espalhando sangue por toda parte; enquanto a alma cossaca subia, indignada e surpresa por ter abandonado tão cedo uma estrutura tão robusta.”<sup>25</sup> (GOGOL, 2013, p. 177). Ou, ainda, neste trecho, referindo-se à morte do jovem Kukubenko, ataman da unidade de Nezamaikovsky:

e seu jovem espírito partiu. Os anjos o pegaram nos braços e o levaram para o céu: lá tudo estará bem para ele. “Sente-se à minha direita, Kukubenko”, Cristo lhe dirá: “você nunca traiu seus camaradas, você nunca cometeu um ato desonroso, você nunca vendeu um homem à miséria, você preservou e defendeu a minha Igreja.” (GOGOL, 2013, p. 228)<sup>26</sup>.

Assim, enquanto o restante do texto se baseia em circunstâncias objetivas, ou, ao menos, passíveis de concepção efetiva – ainda que se trate de dimensões do mundo interior dos indivíduos – essa passagem específica escapa, completamente, às possibilidades de

<sup>25</sup> Na tradução para o inglês: “the head rolled off, and the body fell headless, sprinkling the earth with blood far and wide; whilst the Cossack soul ascended, indignant and surprised at having so soon quitted so stout a frame.”

<sup>26</sup> Na tradução para o inglês: “and his young spirit fled. The angels took it in their arms and bore it to heaven: it will be well with him there. ‘Sit down at my right hand, Kukubenko,’ Christ will say to him: ‘you never betrayed your comrades, you never committed a dishonourable act, you never sold a man into misery, you preserved and defended my church’.”

uma narrativa de cunho histórico. O deslocamento quase repentino, operado pela mudança brusca de planos de experiência a partir da inserção do elemento sobrenatural de natureza religiosa, integra-se com tamanha perfeição ao contexto narrativo que não chega a gerar sobressaltos no leitor, uma vez que a perspectiva religiosa de intensidade fervorosa se acha predominante ao longo de todo o texto. O contexto cultural, fortemente marcado pela religiosidade ortodoxa, demarca a conjuntura histórica e torna quase natural essa mudança entre planos.

Nesse contexto, a morte dos guerreiros cossacos, especialmente a do primogênito de Bulba, Ostap, é apresentada como um ato sacrificial trágico em prol de causas maiores, como a liberdade, a fé ortodoxa e a preservação da própria identidade cultural cossaca. A imolação se torna um tema recorrente e predominante, que transcende as circunstâncias individuais, elevando-se a um nível mais amplo de significado. Particularmente, no caso de Ostap, as circunstâncias crudelíssimas de sua execução em praça pública acabam por convertê-lo num mártir para a causa cossaca. Seu suplício é elevado à condição de um ato sagrado – carregado de ressonâncias com o martírio do próprio Cristo – que transcende a mera existência individual para se tornar um momento capital e intensamente patêmico naquele ciclo narrativo, alterando a perspectiva que Bulba possuía acerca do conflito e desencadeando uma interminável sede por sangue e vingança na alma do velho líder cossaco. A coragem e a firmeza de espírito do jovem guerreiro diante do sofrimento atrocíssimo e de sua condenação irrevogável à morte gera uma intensa carga emotiva, a qual, conjugada com as fortes implicações religiosas, ao impactar tão intensamente o espírito do leitor, abrevia as distâncias entre realidade e ficção. Como observara Aristóteles em sua *Retórica*, a mobilização patêmica (*pathos*), conjugada com os raciocínios entimemáticos (*logos*) e a imagem do orador projetada no discurso (*ethos*) são os elementos de persuasão por excelência. Ao empregar habilmente o *pathos*, Gogol acentua no leitor – no contexto ficcional de uma narrativa – a experiência impactante da realidade experimentada pelo personagem por intermédio de uma nítida ação de empatia. Assim, o leitor é transportado para o plano narrativo e levado a uma imersão intensa na vivência do personagem, dissolvendo as fronteiras entre o mundo objetivo e o subjetivo. A verossimilhança é intensificada graças às acentuadas emoções suscitadas através da criação



de uma experiência imersiva, sensorial e persuasiva, por meio da qual o leitor é integralmente assimilado à narrativa ficcional.

Situada num intercurso privilegiado entre a literatura e a história, a obra *Taras Bulba* constitui-se num dos momentos primordiais da produção de Gógol, primando por mesclar, com notável talento, as categorias fundamentais do discurso histórico e do discurso ficcional, num todo coerente e fascinante, no qual a dimensão religiosa e subjetiva desempenha um papel capital.



## REFERÊNCIAS

ARISTOTLE. *On Rhetoric*: a theory of civic discourse. Translated and commented by George Alexander Kennedy. Oxford: Oxford University Press, 2007

BOJANOWSKA, E. M. *Nikolai Gogol*: between Ukrainian and Russian nationalism. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

FILJUSHKIN, A. *Ivan the Terrible*: a military history. London: Frontline Books, 2008.

GOGOL, N. *The Collected Tales of Nikolai Gogol*. Translated and annotated by Richard Pevear and Larissa Volokhonsky. New York: First Vintage Classics Edition, 1999.

GOGOL, N. *Taras Bulba*. Translated from the Russian by Isabel F. Hapgood. New York: Thomas Y. Crowell & Co., 1886. Disponível em:

<https://dn790009.ca.archive.org/0/items/cu31924026658165/cu31924026658165.pdf>.

Acesso em: 15 de jan. de 2013.

HERCULANO, A. *Lendas e narrativas*. 2<sup>a</sup> ed. Lisboa: Casa da Viúva Bertrand e filhos, 1858. Disponível em: <https://purl.pt/264/4/>. Acesso em 14 de jan. de 2024.

HOMER. *The Iliad*. Translated by Robert Fagles. Introduction and notes by Bernard Knox. New York: Penguin Books, 1990.

HOSKING, G. *Russia and the russians*: a history. 2<sup>a</sup> ed. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

MAGUIRE, R. A. *Exploring Gogol*. Stanford: Stanford University Press, 1994.

ROSENSHIELD, G. *The Ridiculous Jew*: the exploitation and transformation of a stereotype in Gogol, Turgenev, and Dostoevsky. Stanford: Stanford University Press, 2008.

STAMPFER, Shaul. What Actually Happened to the Jews of Ukraine in 1648? In: *Jewish History*, vol. 17, no. 2, pp. 207-227, 2003. Disponível em:  
<https://www.jstor.org/stable/20101498>. Acesso em 20 de jan. de 2024.